

ESTUDO DE VERBOS QUE SELECIONAM OBJETO DE ESCALA OU EXTENSÃO

Heloá Ferreira Cristóvão (UFES/FAPES)

heloa.fc@hotmail.com

Lúcia Helena Peyroton da Rocha (UFES)

lhpr@terra.com.br

1. Palavras iniciais

A maioria dos gramáticos acolhe os verbos nas duas sessões, a saber: primeiramente, em uma que trata de aspectos morfológicos; em seguida, dentro de uma perspectiva sintático-semântica, que trata de verbos quanto à predicação. Isso se configura um problema nessa proposta de análise, visto que ao considerar os verbos como elementos discretos, em frases descontextualizadas, não se consideram relações morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas que só podem ser observadas a partir da língua em uso, dentro do jogo combinatório da linguagem.

A partir dessas considerações, a concepção de língua que adotamos se coaduna com aquela proposta pelo Funcionalismo, que defende os estudos de fenômenos linguísticos a partir do uso real, priorizando as relações estabelecidas no contexto comunicativo e analisando a língua como uma atividade sociocultural. Nessa perspectiva, a língua é vista como uma estrutura maleável, uma vez que se adapta às necessidades de interação que tem os falantes.

Com relação aos verbos que serão objeto de nossa pesquisa, orientamo-nos pela classificação proposta por Cano Aguilar. O autor observou os verbos com objeto de extensão ou escala para a língua espanhola e em nossa pesquisa analisaremos esses verbos e seu uso na língua portuguesa. Nesse aspecto, não só justificamos a nossa pesquisa como também deixamos clara a importância desse estudo.

As relações semânticas que se estabelecem entre o objeto e o sujeito do verbo transitivo são variadas e heterogêneas. Os verbos com objeto de extensão ou escala são: *atravessar*, *percorrer*, *subir* (*uma escada*), *abraçar*, *presidir*, *contornar*, *ocupar*, *preencher*, *inundar*, *medir 1* (*ele mediu um terreno*), *medir 2* (*o terreno mede 160 m*), *valer* (*o carro vale uma fortuna*), *durar* (*a viagem durou 80 dias*). Mas, neste artigo, apresentaremos a análise apenas do verbo “ocupar”.

O *corpus* de análise será constituído de textos que circulam socialmente, em sua modalidade escrita. O levantamento será feito tanto de forma manual quanto via internet.

Para dar conta da análise, recorreremos tanto à orientação que Borba (1996) dá em sua Gramática de Valências, e a de Ignácio (2003), quanto a que os funcionalistas preconizam em seus estudos.

Esperamos que o resultado de nossa pesquisa contribua para a melhoria do ensino da língua portuguesa e que também evidencie que um estudo com o ponto de partida na língua em uso ultrapassa os limites dos manuais de gramática que, de modo geral, tem considerado a transitividade apenas como uma propriedade verbal.

Givón (2001) destaca que “ao se estudar a função comunicativa da gramática, o método da oração em isolamento se torna não confiável, e deve ser suplementado com o estudo da gramática no seu contexto comunicativo natural”. Diante disso, o modelo teórico norteador deste estudo concebe a transitividade como uma propriedade que se manifesta ao longo do discurso, e dentro desse pressuposto cada elemento de uma cláusula exercerá um importante papel quanto à significação do todo, sendo a transitividade concebida como uma propriedade discursiva.

2. *A proposta de Cano Aguilar (1981)*

Cano Aguilar (1981, p. 31) recorre à transformação temática, defendida por Blikenberg, para diferenciar o objeto direto de certos complementos. É o caso de frases como: *correram cem metros > os cem metros os correram; mede dois metros > os dois metros os mede*. Trata-se, na verdade, do critério de pronominalização, em que o objeto vai para o início da oração para destacá-lo, para convertê-lo em *tema* ou *assunto*.

Portanto, os critérios gerais para estabelecer a transitividade (embora nenhum absolutamente decisivo) seriam:

- (i) Possibilidade de pronominalização nos casos de anteposição do objeto, ou quando este já apareceu no contexto (critério formal e bastante seguro). Em português, é comum também recorrer a esse critério para diferenciar, por exemplo, o objeto direto do indireto (comprei *um livro* > comprei-o / Dei uma guitarra *ao meu neto* > Dei-lhe uma guitarra).

- (ii) Pergunta pelo objeto com *que* ou *a quem*? (comprei o *quê*? / Dei uma guitarra *a quem*?)
- (iii) Transformação passiva – em que ao passar para a voz passiva, o objeto direto passa a sujeito.

Esses critérios nem sempre são eficazes, visto que muitos tipos de objetos não admitem a pronominalização (Exemplos: (1) Tenho *uma terrível dor de cabeça* [OD] > *Tenho-a.; (2) Gosto *de você* [OI] > *Gostolhe.), e alguns verbos considerados transitivos indiretos admitem a voz passiva, cujo objeto indireto passa a sujeito, à semelhança do objeto direto, tais como “assistir” e “obedecer” (Exemplos: (1) O filme Carlota Joaquina, de Carla Carmurati, ficou sete meses em cartaz e *foi assistido por cerca de 100 mil pessoas*. (*Folha de S. Paulo*).; (2) A atual legislação *não é obedecida por nenhum dos concorrentes*, que organizam suas campanhas num ambiente de cumplicidade mútua e impunidade geral. (*Veja*).

Cano Aguilar (1981, p. 320) chama a atenção para o fato de que certos complementos sem preposição junto a verbos normalmente intransitivos podem interpretar-se como circunstanciais (de lugar, medida, duração etc.) ou como objetos diretos: *andar os caminhos, dormir duas horas, pesar dois quilos*.

Nestas frases, há também grande semelhança com os ‘objetos internos’, pois verbo e complemento frequentemente estão muito relacionados. E alguns desses verbos podem levar ‘objetos internos’ inequívocos: *correr la Carrera de Le Mans (correr a corrida de Le Mans)*.

Para Cano Aguilar (1981), a maioria dos gramáticos considera difícil estabelecer uma delimitação bem fundada, embora quase todos creiam que nos encontramos diante de complementos de objeto, e, portanto, diante de estruturas transitivas. Para Blinkenberg (*apud* CANO AGUILAR, 1981), os critérios que justificam tal análise são dois: em primeiro lugar, estas frases podem converter-se em passivas: *duas horas mal dormidas, os caminhos andados*, etc.; por outro lado, os sintagmas nominais podem referir-se por uma forma pronominal em acusativo, se o complemento se antepõe ao verbo (como nos casos de objeto direto): *essas duas horas as dormi mal, os caminhos os andei a pé, os cem quilos não os pesa*, etc. São os critérios gerais pelos quais podemos reconhecer um sintagma nominal como objeto direto de um verbo transitivo.

Aspecto importante ressaltado por Cano Aguilar (1981, p. 30) e muito importante para este estudo é que “os sintagmas que funcionam como objetos destes verbos normalmente intransitivos apresentam um valor semântico de ‘extensão’, no espaço ou no tempo, ou de ‘medida’.” O autor já havia apresentado alguns verbos transitivos cujo objeto direto possuía um valor ‘locativo’ claro: *abandonar, cruzar, recorrer, etc.* Portanto, a transitividade parece mais clara com verbos de movimento, cujo complemento indica a ‘extensão’ do movimento, como ‘medida’: *andar duas milhas*, ou como lugar por onde se realiza: *andar os caminhos*.

O caráter ‘locativo’ do complemento desses verbos pode ser observado mais claramente com a introdução de preposições como *por, ao largo de, durante* (com valor de ‘extensão’ espacial), etc. Nestes casos, para Cano Aguilar (1981) há uma estrutura intransitiva com um complemento circunstancial. E embora ambos os tipos de frases possam referir-se a mesma realidade, não apresentam o mesmo significado linguístico nem a mesma perspectiva funcional. Portanto, segundo o autor, não podemos concordar com a gramática gerativa (sobretudo a Gramática de Casos), que acredita encontrar em ambos os tipos um Locativo na estrutura subjacente, manifestado logo superficialmente como objeto direto ou como sintagma preposicional, mas sem que esta diferença formal envolva nenhuma mudança de conteúdo significativo.

Outros estudiosos, como Pottier, citado por Cano Aguilar (1981), consideram estas frases como sendo de ‘objeto interno’. Já temos assinalado a estreita relação semântica entre verbo e complemento nestes casos, mas também parece indubitável o caráter ‘locativo’: *Descia as arenosas ruas de Toledo (País, p. 54). Para continuar logo subindo os degraus um a um (Guarnición, p. 13).*

Como observou Cano Aguilar (1981), os complementos de ‘extensão’ temporal, ou ‘duração’, podem converter-se também em objetos diretos; e podem coexistir também com circunstanciais introduzidos por preposição. Por exemplo: *Dom Máximo passa quase toda noite com a luz acesa (San Camilo, p. 115). A conferência durou duas horas.* Podem converter-se também em objetos diretos os complementos de ‘medida’ de verbos como *pesar* ou *medir*: *Esta tela mede dois metros. Pesa oitenta quilos.*

Para Cano Aguilar (1981), há que ter em conta que *pesar* e *medir* podem ser verbos transitivos com um sentido claramente ‘ativo’: *Juan pesou o pacote em uma balança, vou medir este tecido.*

3. Sobre a transitividade

A transitividade verbal é uma questão bastante controvertida em manuais de gramática da língua portuguesa, gerando muita dificuldade para o ensino/aprendizagem devido às divergências terminológicas apresentadas tanto por gramáticos, seguidores ou não da NGB (1958), quanto por autores de livros didáticos, que não deixam muito clara a concepção de transitividade com a qual operam.

Apesar de merecer lugar de destaque em qualquer manual de gramática, visto que é um dos problemas mais ricos e complexos da língua, e ainda apresenta um campo propício para grandes reflexões, essa questão está distante de ter muitos de seus aspectos analisados satisfatoriamente. Por este motivo torna-se um campo favorável às necessárias discussões que se impõem.

3.1. A gramática de valência e a transitividade

As primeiras ideias sobre valência se devem a Tesnière, que é quem parte do verbo como núcleo oracional. O autor difundiu, de maneira sistematizada, o conceito de valência verbal, segundo o qual, o verbo é a categoria sintática mais indicada para desempenhar a função predicativa na frase.

Borba (1996, p. 16) assegura que enquanto uma gramática de constituintes se ocupa com a análise de estruturas tentando descobrir como um constituinte se encaixa noutra ou pertence a outra, a gramática de valências procura detectar relações de dependência entre categorias (básicas) que (co)ocorrem num contexto.

A gramática de valências proposta por Borba (1996) se constrói a partir da observação de que os itens lexicais da língua têm valor absoluto ou relativo. Nessa perspectiva, itens como: *caneta* (*A caneta azul manchou a minha mão*); *tartaruga* (*A tartaruga sumiu no mar*) etc. são semanticamente autossuficientes e têm necessidade nula de vinculação; e itens tais como: *filho* (*O filho de minha amiga passou no vestibular*); *pai* (*O pai do aluno queixou-se da professora*); *obediência* (*A obediência do adolescente à mãe impressionou a todos*) etc. são semanticamente incompletos tendo necessariamente de ligar-se a outros para se realizarem plenamente.

A valência diz respeito ao número de casas vazias (ou argumentos) implicadas pelo significado de um item lexical, um nome como *canela*, por exemplo, tem valência zero (V_0) e nomes como *pai*, *filho* têm valência (V_1). Os itens lexicais da língua podem ser aivalentes ou ter valência um, dois... n, de acordo com o número de argumentos que exigem.

No que tange aos verbos, Busse e Vilela (1986, p. 19) não consideram os tetravalentes, mas admitem que “há autores que defendem a existência de verbos com quatro lugares vazios (verbos tetravalentes como *traduzir alguma coisa de x para y, pagar x a alguém por alguma coisa*)”.

A valência verbal tem por objetivo básico observar e determinar o comportamento do verbo na frase. Para tanto, Borba (1996, p. 46-57) elenca três tipos de valências: **(1)** valência *quantitativa*, que diz respeito ao número de argumentos necessários a preencherem as “casas vazias” do verbo – esse número vai de zero a quatro no português, como se vê nos exemplos a seguir: (V_0) – *Choveu torrencialmente ontem*; (V_0) – *O pássaro voa*; (V_2) – *O ladrão matou o rapaz*; (V_3) – *O jogador devolveu a bola ao companheiro*; (V_4) – *Raimundo trouxe a família do Nordeste para São Paulo.*; **(2)** valência *sintática*, que se refere à natureza morfosintática dos elementos que constituem os argumentos. Assim, por exemplo, o verbo “persuadir” prevê, além do SN_0 que funciona como sujeito, um SN_2 que funciona como objeto indireto. Exemplo: *João persuadiu a esposa a ir com ele ao teatro.*; **(3)** valência *semântica*, relacionada ao fato de que os papéis semânticos e traços que caracterizam os argumentos decorrem das propriedades semânticas dos verbos. Um verbo como “galgar” seleciona um sujeito *agente* (+animado, +humano) e um complemento de lugar: *O alpinista galgou a montanha em poucas horas.*

Nessa perspectiva, os termos valência, regência e transitividade podem, grosso modo, ser tratados como sinônimos, se levarmos em conta que permeia os três a noção de dependência. No entanto, é importante ressaltar que as gramáticas tradicionais focalizam a regência circunscrita ao verbo, ao passo que as noções de valência e de transitividade são mais exploradas pelas gramáticas descritivas.

Valência e transitividade são propriedades que se detectam no funcionamento do verbo na sua realização no discurso. Por isso não se pode dizer que tais verbos tenham sempre as mesmas propriedades. Assim, um verbo primitivamente bivalente, transitivo, pode, dependendo da necessidade comunicativa do falante, passar a funcionar como monovalente e intransitivo. Um verbo como “comprar”, por exemplo, bivalente e

transitivo direto numa oração como: “Ana comprou um carro” pode passar a monovalente e intransitivo na oração em que o falante apague seu complemento: *Ana não passa um dia sem comprar*. Do mesmo modo, um verbo primitivamente monovalente e intransitivo pode funcionar como bivalente e transitivo, como evidencia o verbo “andar”, nos exemplos a seguir: *A criança ainda não anda* (monovalente e intransitivo) > *Andei toda a cidade a pé* (bivalente e transitivo). Em nosso estudo, manteremos a distinção entre “apagamento” e “elipse”, visto que, ao utilizar a elipse, o falante deixa implícito o complemento facilmente recuperável pelo contexto, conforme atesta o exemplo: *Todos viram o cometa passar, só Margarida não viu*, em que o verbo “ver”, em sua segunda ocorrência, exhibe as mesmas características que apresenta na primeira.

3.2. O funcionalismo e a transitividade

No funcionalismo, a transitividade não é vista como uma propriedade categórica do verbo, como defende a gramática tradicional, mas como uma propriedade contínua e escalar da oração inteira e é na oração que são observadas as relações entre o verbo e seu(s) argumento(s). Trata-se de uma gramática da oração.

Givón (1995, p. 76) entende a transitividade como um fenômeno complexo que envolve os componentes semântico e sintático. Uma oração transitiva descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um agente responsável pela ação, codificado sintaticamente como sujeito, e um paciente que é afetado por essa ação, codificado sintaticamente como objeto direto. Esse é o evento transitivo prototípico em que a oração conta com os três traços semânticos, apontados por Givón (1995), a saber: a) agentividade: ter um agente intencional que controla a ação; b) afetamento: ter um paciente concreto, afetado; c) Perfetividade: envolve um evento concluído pontual.

É importante salientar que, para Givón, esses traços, em princípio, são uma questão de grau. Para evidenciar isso, ele arrola vários exemplos em que os verbos são agrupados em função da mudança física registrada no estado do paciente, conforme se vê em um objeto criado: *He built a house*¹²⁵; um objeto totalmente destruído: *They demolished the house*¹²⁶ etc.

¹²⁵ Ele construiu uma casa.

¹²⁶ Eles demoliram a casa.

Furtado da Cunha e Souza (2011), ao apresentarem a proposta de Givón, mostram que

outros verbos que pertencem sintaticamente a esse grupo, ou seja, que apresentam sujeito e objeto, podem, contudo, desviar-se do verbo transitivo prototípico, quer em termos do grau em que a mudança no objeto é física, óbvia, concreta, acessível à observação, quer em termos do agente-sujeito (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011, p. 42).

As autoras lançam a seguinte pergunta: “por que os verbos semanticamente desviantes aparecem, em muitas línguas, incluindo o português e o inglês, na mesma classe sintática do verbo transitivo prototípico?”. Givón, segundo Furtado da Cunha e Souza (2011), fornece duas possibilidades de resposta:

- (i) Transitividade é uma questão de grau, em parte porque a percepção da mudança no objeto é uma questão de grau, e em parte porque depende de mais de uma propriedade.
- (ii) Quando um verbo desviante é codificado sintaticamente como um verbo transitivo prototípico, o usuário da língua interpreta suas propriedades como sendo semelhantes, análogas ao protótipo. Esse fenômeno é conhecido como extensão metafórica.

4. Análise do corpus

A análise empreendida conta com a contribuição das duas teorias, a saber: a de valência e a do funcionalismo. O levantamento dos verbos e de suas ocorrências se deu de forma manual e automática, por meio de ferramenta de pesquisa *on-line*. Para este trabalho, apresentamos apenas a análise do verbo “ocupar”.

OCUPAR

- (1) *A colonização ocupava apenas uma pequena parte do território que politicamente constituía o país.*

O verbo “ocupar” indica *ação-processo*, com um agente codificado sintaticamente como sujeito: a *colonização*, com complemento expresso por nome designativo de *espaço físico*: *uma pequena parte do território*, com significado de “preencher ou tomar algum lugar no espaço”. Nesse excerto, o verbo “ocupar” seleciona um objeto de extensão locativa. O teste sintático da apassivação é aplicável: *A colonização ocupava*

apenas uma pequena parte do território que politicamente constituía o país. > Apenas uma pequena parte do território que politicamente constituía o país foi ocupada pela colonização.

(2) *Norma ocupou metade do dia em lavá-lo.*

O verbo “ocupar” indica *ação-processo*, com um *agente* codificado sintaticamente como sujeito: *Norma*, com complemento expresso por nome designativo de *tempo*: *metade do dia*, significando “consumir o tempo ou a duração de, tomar, levar”. Nesse excerto, o verbo “ocupar” seleciona um objeto de escala temporal. O teste sintático da apassivação é aplicável: *Norma ocupou metade do dia em lavá-lo. > metade do dia foi ocupada por Norma.*

(3) *[Ele] ocupava um minúsculo apartamento num décimo andar de um prédio velhíssimo.*

O verbo “ocupar” indica *estado*, com sujeito inativo expresso por nome [+humano]: *Ele*, com complemento expresso por nome designativo de *espaço físico*: *um minúsculo apartamento*, e significa “ter residência, habitar”. Nesse excerto, o verbo “ocupar” seleciona um objeto de extensão locativa. Dois testes sintáticos são aplicáveis: (i) apassivação: *[Ele] ocupava um minúsculo apartamento num décimo andar de um prédio velhíssimo. > um minúsculo apartamento num décimo andar de um prédio velhíssimo foi ocupado por ele.* (ii) pronominalização: *[Ele] ocupava um minúsculo apartamento num décimo andar de um prédio velhíssimo. > [Ele] o ocupava.*

Pelo espaço de que dispomos, optamos por apresentar a análise apenas do verbo “ocupar”. Embora os dados sejam poucos, acreditamos ter conseguido dar uma boa noção de qual caminho teórico-metodológico estamos trilhando para a realização desta pesquisa.

5. *Palavras (quase) finais*

A transitividade é um fenômeno de análise complexa, independente do modelo teórico sobre o qual os dados repousam, não obstante um grande universo de análise se descortina. Para este estudo, em desenvolvimento, no Núcleo de Pesquisas em Linguagens, adotamos as teorias: de valência e o funcionalismo.

Analisar a transitividade, dentro do quadro teórico funcionalista, que concebe a língua como um sistema que se constrói a partir das presenças do uso na interação comunicativa é um grande desafio. Desafio ainda maior é transformar as pesquisas e descobertas em material útil a ser utilizado no ensino de língua portuguesa na sala de aula. Esperamos que essa breve discussão sobre os verbos que selecionam objeto de escala ou extensão contribua nessa empreitada.

A teoria de valência proposta por Borba (1996) orientou nossa análise, no que tange à valência sintática e à semântica.

Os exemplos com o verbo “ocupar” ratificam o fato de que só nos contextos de uso, podemos analisar satisfatoriamente as ocorrências e que dependendo da combinatória do elemento e seus argumentos, podemos apreender se um verbo está se comportando como ação-processo ou estado. E, ainda, analisar quais características morfológicas e sintáticas tem os argumentos que estão em torno desse verbo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANO AGUILAR, Rafael. *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual*. Madrid: Gredos, 1981.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. *A transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdam (Philadelphia): John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *Syntax: an introduction*. Amsterdam (Philadelphia): John Benjamins Publishing Company, 2001. (V. 1)

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. *Análise sintática em três dimensões: uma proposta pedagógica*. São Paulo: Ed. Ribeirão Gráf., 2003.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. O verbo. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do português culto no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2008.